



JOÃO TOLEDO
EX-LLENTE DE PSYCOLOGIA E
PEDAGOGIA E EX-DIRECTOR
DA ESCOLA NORMAL DO
ESTADO EM CAMPINAS.
ACTUAL INSPECTOR-GERAL
DO ENSINO EM SÃO PAULO.

ESCOLA BRASILEIRA

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMMA DE
PEDAGOGIA EM VIGOR NAS ESCOLAS NORMAES



1925
IMPRESA METHODISTA
SÃO PAULO

ETHICA PEDAGOGICA

Como instituição social que é, a escola participa da natureza do povo que a criou e em cujo seio funciona; os prejuizos desse povo serão nella encontrados; as aspirações, que estimulam a vida escolar, hão de provir da alma do povo. Filha legítima, afagada nos sonhos e afeiçoada aos costumes dos paes, deve parecer-se com elles nas extorridades que os revestem e nas tendencias que os animam. A escola é o povo que a fez, circumscripto nos limites de uma sala. Mas as influencias da civilização exterior são mais promptas e mais rápidas nesse ambiente de estudos; e, por isso, a escola avança mais depressa que o povo, e, sem deixar-lhe a companhia, ao invés de conduzida, faz-se condutora:—guia sua gente e illumina-lhe os passos. Com vagar, sem choques e sem violencias, modifica outras instituições sociais, e impulsiona assim o progresso.

Sem ensino organizado, o povo effectuaria as melhoras que a natureza procura realizar, através do tempo, pelos processos ferozes da luta e da selecção; seria uma elaboração lenta e penosa, que a escola, entretanto, apressa e suaviza. A capacidade de prever, que o conhecimento do passado referido ás condições presentes lhe dá, arma a escola de recurso inestimavel com o qual elle vai ao encontro dos pequeninos e antecipa um

preparo para condições de um futuro próximo, preparo que a experiencia pessoal de cada um iria prover. São as experiencias accumuladas pelos séculos, no domínio das sciencias, das artes e da moral, que, reunidas e ordenadas em um programma simples, passam do mestre para o alumno, sem custo e com agrado. A economia de tempo e de esforço, assim realizada, faz da escola uma benção.

Esta obra de perseverança e previdencia visa, antes de tudo, o caracter moral do indivíduo; e o caracter moral só se desenvolve através da educação. Elle controla impulsos egoísticos e tendencias primitivas. Outrora, a vista do alimento attrahia o homem para elle, sem peias nem constrangimentos; agora, educado já, lembra-se que o alimento é de outrem, e inibe o impulso;—e assim se exerce o controle moral. Poucas vezes temos hoje que inibir impulsos semelhantes, "porque a tendencia a respeitar os direitos alheios, de tal forma se estratificou em nosso systema nervoso, que bem raro se fazem elles sentir." Si se manifestam, como desejos individuaes, inibi-los ou desviá-los é renúncia; e a renúncia sempre se justifica si feita em favor da collectividade. Ora, si a educação conduz o indivíduo à renúncia de interesses pessoais seus, damnosos, porém, aos outros, segue-se que o fim moral da educação contunde-se com seu fim social. E assim é. Mas, si o homem é educado para viver em sociedade, não se lhe deve tirar o justo equilibrio entre as necessidades próprias e as exigencias sociaes. Os excessos preju-

diam: "a coragem pode fazer-se temeridade, a temperança passar ao ascetismo, o enthusiasmo engendrar fanatismo e a virtude degenerar em vícios." Quando o controle annulla completamente os impulsos instinctivos, falha em seu propósito: controlar é regular, e, neste caso, equilibrar; não é annullar.

Não se limita a função da escola a esta face negativa da virtude; ella estimula e alimenta as actividades uteis e os sentimentos altruísticos. E' a face propulsora do caracter moral, definida por Bagley como força que impede o indivíduo de ser um fardo para a sociedade. "A cada um cumpre realizar sua tarefa." E, para assim agir, o homem se faz um agente productor ou inspira e guia outros factores de produção; empenhado nos próprios deveres, elle não impedirá os esforços de outros que também têm os seus a cumprir; fazendo a sua parte e não impedindo, antes auxiliando, os que mal supportam seu encargo, elle consciente e persistentemente se empenhará pela realização do progresso em todas as manifestações da actividade particular ou social. E, de tal modo, "a escola não prepara o indivíduo para a vida do passado, nem para um futuro remoto e utópico, mas para dias próximos, cujas condições podem ser preditas com relativa segurança. Si falhar neste intento, ella não poderá justificar sua existencia."

São linhas communs a todas as escolas os conceitos atraz emittidos acêrca de seu papel como agentes da adaptação social. Esse e mais o aspecto local, que ellas devem forçosamente reves-tir, exigem do mestre de crianças cuidados elementares, conhecimentos geraes e um treino técnico apurado. Enumerêmo-los como pontos de apoio da ética pedagógica. 1.º) A apparencia pessoal do mestre exerce nos pequeninos grande influencia: é um dever fazê-la agradável quanto possível. 2.º) A escola assçada, bonita e alegre atráe os alumnos; a vida ahí é o inicio da vida social: ao sahirem della não encontram os alumnos um mundo radicalmente diverso daquelle em que estavam vivendo. 3.º) o ânimo e a perseverança do mestre, sua conducta na escola e fora della são modelos que as crianças copiam: nenhum mestre, pois, de bôa consciencia dará exemplos máus.

Em relação aos conhecimentos, é indispensavel fazer—1.º) a melhor cultura mental possível: a lingua-materna, o cálculo, a geographia geral, a história do mundo, elementos de physica, de chimica, de história natural devem ser familiares ao professor primário, a cujo espirito uma literatura sadia dará o frescor das ideias e a suavidade dos sentimentos. 2.º) O conhecimento cabal do paiz, quer sob o ponto de vista puramente geográfico e histórico, quer sob o aspecto dynâmico de suas tendencias económicas e sociaes, é condição indispensavel á criação, vulgarização e propagação dos ideaes da nacionalidade. 3.º) A leitura de jornaes

e revistas põe o mestre ao corrente do que se passa no mundo, e impede-o de considerar a pátria como terra e gente isoladas de outras terras e de outras gentes; mostra-lhe, ao contrário, a interdependencia estreita em que vivem os povos.

O treino técnico reclama antes de tudo: 1.º) o conhecimento da alma da criança e do modo pelo qual ella se desenvolve,—da argilla que o mestre vae modelar. Uma psychologia, sem recheios philosophicos, sem especulações escolásticas, sem preocupações formaes,—uma psychologia que nos mostre a mente verdolenga, crescendo e sazonnando, com a seiva das impressões sensoriaes, ao calor ambiente do lar, da escola e da sociedade, é, nas lides educativas, instrumento de inestimavel valor. 2.º) Depois, impõe-se o conhecimento do povo: quem elle foi e quaes as fontes de onde veio; quem elle é, e como veio até aqui; quem deverá ser, e como ir até lá. Uma visão synthética da alma nacional, bebida em obra clara e segura, dá o rumo á marcha da escola. Sem estas ideias directrices, o mestre é um cego a guiar um grupo de ceguinhos. 3.º) Ainda esta exigencia: um completo domínio sobre a didáctica. Conheçemos a criança e conhecemos os fins da educação, restanos saber, com pormenores, o modo de apresentar os assumptos do programma e de encaminhar o seu desenvolvimento. E' de rigor, na escola primária, que o mestre seja o compêndio vivo de seus alumnos, todas as vezes que escassarem as fontes directas da observação.

Em toda parte do mundo, nestes dias que correm, floresce e frutifica, no ânimo das nações, o propósito de alicercar sua grandeza na educação popular; e onde mais fundo penetra o ânimo dos governos o desejo de fazer a gente livre e a terra próspera, os cuidados escolares tomam a frente a outros cuidados administrativos. Aqui, é consolador o movimento que se nota de sul a norte. As administrações, convencidas de que só ha um caminho para a felicidade dos povos, appellam para os mestres, cujos serviços reclamam, e estes iniciam já a luminosa cruzada. Pobres, em regra, recebem dos impostos o pão para a bôca; mas, honestos e cultos, darão em troca, a centenas de crianças que os cercam, o melhor pão do espirito que sua intelligencia e seu coração sabam preparar.